

Exú Tranca-Rua das Almas

Castiel Vitorino Brasileiro

01_

A liberdade de uma vida racializada depende do seu desejo de lembrar daquilo que se esqueceu. Pois a racialização age na estruturação - ou subjetivação -, logo, um limite mas também uma condução impositiva de ritmo, direção e intensidade vital dessas existências/espécies animais transformadas - pela modernidade colonial - em "sujeito negra/o".

02_

Lembrar daquilo que se esqueceu é um movimento cotidiano pois o trauma racial é cotidiano. Contudo, o sofrimento cotidiano de ser racializada/o não é refém da lembrança de um passado colonial, mas sim refém do tempo cronológico que organiza e é organizado pela colonialidade no presente vivido por essas existências; e no passado que as integram e no futuro cronológico que farão parte. Todo o sofrimento vivenciado por uma pessoa negra, por “ser negra”, é um sofrimento de viver o tempo cronológico. O trauma racial é a experiência cotidiana de viver o tempo cronológico, que é o tempo espaço onde a raça torna-se possível e preciso.

03_

Espaços precípeis de liberdade e espaços de liberdade precípeis são arquiteturas e corporeidades. Mas os centros de macumbas brasileiros e os corpos que compõem cada egrégora desses espaços, estão longe - porém mais próximo de quem não é macumbeira/o - de serem territórios geográficos ou existenciais de liberdade cronológica. Não há liberdade 24h por dia ali e nem em qualquer outro lugar marcado e organizado pela temporalidade colonial; aliás, a legislação brasileira impõe horários de terminos para as macumbas, assim como há décadas atrás as proibiram e há séculos as roubam. Pois a liberdade só acontece no *tempo exusiático*, que é uma temporalidade cíclica e espiralada para todas as direções. Então acredito na liberdade como experiência efêmera que produz um tempo espaço efêmero. A liberdade é a condição espacial e temporal, portanto geográfica e existencial: Exú. Ou é uma ferramenta e um movimento que nos faz acessar, de modo precípeis e efêmero, essa liberdade, que é Exú. A

liberdade é um movimento, porque Exú é o movimento que permite todas e quaisquer outras movimentações acontecerem. Reconhecemos um Caboclo, uma Pomba-Gira, um Juremeiro, um Marujo ou um Boiadeiro, pelos movimentos que cada alma/lembrança faz em nossos braços. A percepção e compreensão é também um movimento.

04_

Estando sob o regime cognitivo e emocional do "ser negra/o", não há nenhuma possibilidade de compreender ou suportar nem mesmo uma pequena faísca do fogaréu que são os desígnios de Exú Tranca Rua das Almas. Mas, "ser negra/o" é condição social fundamental para perceber alguns dos motivos pelos quais almas de homens negros voltaram aos espaços organizados pela temporalidade cronológica: nossos centros de macumbas, nossos quarto de cura e nossas corporeidades que os incorporam.

05_

O desafio que somos convidadas/os por Exús Malandros é de viver a malandragem de cobrar *a dívida impagável*¹ e transformar dinheiro em *aqué*. Em outras palavras: Exús Malandros nos convidam a experimentar ou nos avisam ser preciso experimentar - caso contrário esqueceremos de nossa imprevisibilidade - a coragem de se permitir jogar o Jogo do Bicho: certo dia sonhei com uma cobra, semana passada cochilei depois do almoço e sonhei que eu era de uma espécie de *Homo Sapiens Sapiens* com três mamas, e nessa mesma semana minha avó sonhou que uma mulher transformava-se em uma enorme cobra dentro do seu quarto. A *malandragem* é saber entender essas vidas a partir da linguagem que nos torna "negras/os" e conseguir não esquecer que essas vidas, assim como nós, não escolheram ser catalogadas pelas Ciências Humanas e Naturais da modernidade. A *malandragem* é conseguir sonhar na língua colonial e ao acordar conseguir lembrar da forma, textura, temperatura e cores que antecedem e extrapolam qualquer palavra.

06_

Para uma existência viver a desracialização é preciso coragem, *malandragem* e amor pela efemeridade. *Malandragem* para ter coragem de amar a efemeridade da vida. *Malandragem*, coragem e efemeridade são os fundamentos para acontecer uma expressão vital *exusiática*. Assim como amor, imprevisibilidade e heresia.

-

¹FERREIRA da SILVA, Denise. *A Dívida Impagável*, (São Paulo: 2019).

São essas as seis pontas que possibilitam o mistério do prazer em esquecer de sua forma/modo de ser negra/o; a negritude. Mas esse mistério não é o embranquecimento, e sim a radicalidade que é lembrar que orixás tem pele negra mas não tem raça. Não somos orixás, mas nossas vidas também existem para além do limite existencial da racialização. Em minha infância, quando eu morava no morro da Fonte Grande, eu não sabia que era negra, mesmo sendo retinta. Foi aos 17 anos, a primeira vez em que uma pessoa me deixou desconfortável ao dizer sobre meu nariz. Essa mulher negra - uma de minhas melhores amigas até hoje - disse-me que meu nariz era feio por ser grande, e não combinaria com o piercing que eu desejava colocar nele. Eu não a entendi quando atribuiu feiura ao meu nariz. Assim como minha tia retinta Tatiane não entendia porque pessoas brancas as achavam feia, pois ela sempre soube que é linda. O pai de minha tia, meu avô Bininho/Benedito Brasileiro, retinto como o breu, nos criou nos chamando de pérolas negras. Nosso referencial existencial sempre foi a pérola, e não a identidade.

07_

Ogum na umbanda é um cavaleiro defensor do Cruzeiro do Sul. Mas a cruz aqui não é a morte pelo esquecimento, e sim um elemento fundamental do Cosmograma Bakongo que nos ensina sobre a indissolúvel conexão entre morte e vida que possibilita lembrarmos que a morte é inauguração de outro modo de viver. Quando em 2018 meu avô Bininho morreu, eu tive coragem de ser travesti e passei a desejar comer seus alimentos preferidos: peixe e jaca. Meu avô transformou-se em memória, coragem, fome e alimento.

08_

As Umbandas escolhem quais memórias irão cultuar e geralmente decidem esquecer as travestis. E também cultuamos vidas racializadas, mas geralmente opta-se em esquecer a escravidão brasileira que Pretos-Velhos viveram. Esquecer que Pretos-Velhos são homens negros é racismo, e aprisionar Pretos-Velhos na raça negra também é um trauma colonial. Há racismo e travestifobia na Umbanda. E essas desgraças não serão resolvidas com paz, amor e caridade.

09_

Almas são memórias. Memórias não se descobrem, memórias se criam no ato cotidiano de querer não esquecer.

10_

Estrelas são misturas em equilíbrios. A morte de uma estrela é o recomeço de sua vida. Como fazer de uma egrégora, uma constelação?

11_

Quando minha vida foi dada à Exú, eu tive coragem de abandonar a polaridade binária, comecei a experimentar a completude de uma matéria híbrida. Em mim, Maria Padilha trabalha com Exú das Almas. Eu sou travesti, sou binária. Mas escolhi não esquecer do limite que essas palavras produzem em minha existência.

12_

Não tenho medo da morte, e sim da mortificação, do assassinato, do extermínio, do genocídio. Quando por 3 segundos desejei o suicídio, hoje entendo que meu desejo era pelo esquecimento. Então lembrei da macumba que fizeram em minha vida. Brasileiro foi o nome dado ao meu bisavô paterno, e quando no início do Século XX ele fugiu da fazenda onde era escravizado, nomeou-se de Augusto. Seu nome de guerra virou nome do meu pai e sobrenome de Castiel. A macumba foi eu cumprir a profecia e também mudar de nome. Estou em fuga, mas continuo mensageira. Eu anuncio o sacrifício, o sangue que deve ser derramado, a matança que deve ocorrer, o corte. Eu anuncio o corte.

4

13_

Exú tranca a rua que leva as almas aos cativeiros. Exú tranca rua das almas que nos aprisionam. Almas são memórias, Exú é vida.

14_

A Temperança.

15_

A Paixão. O Diabo. A fatalidade.

Eu sou contra a pornografia. Odeio a pornografia. Não digo transar ou o sexo seja lá como for acordado entre as vidas que participam, porque não me interessa em bisbilhotar a intimidade das relações sexuais de *Homo Sapiens Sapiens*. Também não apresento uma salvação às pessoas que vivem uma vida sexual ordenada pelo desejo de hiperssexualizar ou serem hiperssexualizadas, porque

não acredito na salvação. Pois se aqui na modernidade não há liberdade, em Aruanda os conflitos também não se acabam.

O que desejo é o fim da pornografia como programa colonial que é, mas antes desejo que minha existência continue rompendo as direções e ritmos vitais que a pornografia apresenta para mim. Romper com a caminhada e os caminhos que já fizemos juntas e as possibilidades de condução vital que ela ainda me apresenta. Contudo, é inevitável a continuidade dos cruzamentos de nossos caminhos contrários. Cotidianamente nos encontramos, e em cada encontro eu abandono o medo de ser capturada, aproximo-me da pornografia e analiso em mim, a necessidade vital que é trocada nesse estranho mutualismo facultativo. Porque sim, há sempre uma escolha; e aqui não estou associando-me ao neoliberalismo.

Perceba, no mutualismo facultativo, os organismos associam-se, mas conseguem viver sem o outro de maneira isolada, sem haver nenhum prejuízo. Um exemplo dessa relação, são aquelas em que um pássaro passa a se alimentar de carrapatos presentes em bois, e os bois permitem-se a tais relações pois no seu corpo, carrapatos atuam como parasitas. Obviamente comparar a pornografia à um pássaro ou a um boi e até mesmo a um carrapato, é não só uma crueldade com tais animais mas também uma completa anacronia e assimetria. Mas, talvez seja possível perceber um mutualismo facultativo acontecendo entre nós, da mesma espécie animal, através da demarcação e categorização colonial das nossas diferenças fenotípicas e culturais, e a manipulação pornográfica dessas características, uma manipulação que obedece à agenda da racialização.

Às vezes ainda gosto de pensar com o mutualismo, pois essas relações ecológicas, por serem interespecíficas, sempre demarcam a diferença. Nesse sentido, pergunto-me: através de qual necessidade vital conecto minha vida à expressão vital pornográfica? Em outras palavras, o que possibilita desejar ser racializada/o? Porque esse é cerne do evento pornográfico: racializar. A racialização pornográfica é essa relação colonial - de espaço e tempo - onde o eu conecta-se ao outro, ou o outro conecta-se ao eu, através de um desejo vital. Desejo pelo o que?

Acredito que seja o desejo de criar e sustentar o desejo de racializar e ser racializada/o. E digo criar, porque que o chakra Svadhithana (o sexual) nos ensina é justamente que a energia sexual é experiência de criação muito poderosa. Mas, sem fazer dos estudos sobre esses centros energéticos modos de moralizar transas e sexualidades, pelo contrário, usando deles para criar uma Espiritualidade Travesti, pergunto: como criar cotidianamente o fim em nós mesmas de nossos desejos pela hiperssexualização dos corpos negros? Pois o

que se sustenta na pornografia é o desejo de poder hiperssexualizar ou ser hiperssexualizado. E sendo esse desejo fruto do racismo, o desejo é de querer viver a racialização. E o que não há na vida que se permite ser coordenada pela pornografia, é a *malandragem* de enganar sem ser enganada.

Também digo que provavelmente esse seja um dos últimos momentos que irei usar do mutualismo para dizer sobre nossas relações culturais pornográficas, e também anuncio minha direção em nos perceber nas relações intraespecíficas desarmônicas, aquelas que produzem prejuízos. Porque veja, aliar-se a pornografia é um posicionamento facultativo, os benefícios são os prazeres e a usurpação capitalística desse prazer, pois o capitalismo também nos permite viver para que consiga usurpar de nossa vitalidade; mas a cultura capitalista não entende nada de almas, porque acreditam na morte/assassinato como um fim. Contudo, pensar a relação pornográfica como mutualismo, é assumir que não há prejuízos à pornografia quando uma vida capturada passa a se desfazer desse relacionamento e até mesmo enquanto o sustenta. Estou dizendo sobre a corporificação da pornografia - memória, desejo -, então acredito que em seu abandono, há um prejuízo para a vida que insiste em racializar e hipersexualizar. Nesse sentido, um namoro, casamento, amizade, laço familiar pode chegar ao fim, por exemplo; mas um fim que inaugura sempre outra relação, onde a distância e os encontros são reorganizados. Eu acredito na necessidade do fim dessas relações de racialização hiperssexualizada. Eu acredito e crio a demanda de produzir prejuízos, perdas, estragos no modo pornográfico de pensar, sentir e expressar nossa vitalidade.

Então, o limite de uma análise das relações pornográficas que utiliza o mutualismo como lente, é que essa lente não nos permite ver a desarmonia que acontece nessa cooperação. O mutualismo nos ajuda a perceber os motivos e condições para cotidianamente aceitarmos viver sob o regime da pornografia, e o mutualismo nos mostra as estratégias de permanência de uma expressão vital pornográfica. Ou seja, usando a lente do mutualismo, não veremos o sofrimento que é viver numa cooperação pornográfica. Quando o lobo-guará se alimenta da lobeira, sua digestão não destrói as sementes dessa planta, e suas defecações distribuem tais sementes em outros espaços do ecossistema. Mas já não é esse meu posicionamento com a pornografia, onde se faz do desejo um adubo ou semente para o surgimento e permanência de relações marcadas pela racialização. Estou numa relação intraespecífica desarmônica de competição. A competição entre indivíduos da mesma espécie geralmente é regulada pela quantidade de recursos disponível no ecossistema. Em nosso caso - como espécie *Homo Sapiens Sapiens* organizada pela categoria e processos de humanização e desumanização - a competição é pela vitalidade, e no mutualismo o que há é um compartilhamento do desejo de viver o prazer da

criação. Mas minha vitalidade está rompendo com essa relação. É um corte, e não uma troca. Estou assumindo a desarmonia que acontece em nossa espécie, e por enquanto é disso que desejo falar, denunciar, pensar. Nossa desarmonia. Mas uma fala sem esperanças.

Sei que é um perigo assumir a competição em tempos neoliberais. Mas o que aprendi na minha infância no morro da Fonte Grande, enquanto jogava capoeira, é que na hora que o bixo pega, a/o capoeirista tem que usar de seu corpo, de sua agilidade, de sua mandinga e de sua reza forte. A roda de capoeira nos prepara para a luta de morte que é viver a colonialidade, é matar ou morrer².

16_

A Espiritualidade Travesti é uma catástrofe, uma destruição. É o que faz uma torre desmoronar, é o baralho desse desmoronamento, é a penumbra que inicia com a poeira dos destroços, mas nunca será os destroços. Não somos o resto do que se partiu, mas sim o que fez se partir. Espiritualidade Travesti é uma dança entre cérebro, coração e sexo.

17_

Ancestralizar é lembrar, presentificar a alma através da incorporação. Mas é preciso um corpo firme para suportar a dança que as memórias dessa vida farão em nossa matéria. Permitir que Lacraia use nosso corpo para dançar novamente. Dançar feito uma lacraia, dançar como uma integrante da família *Scolopendridae*. Híbridoz-se, ser contraditória aos parâmetros sócionaturais e psíquicos modernos.

18_

Inimigos ocultos não conseguem se esconder para nossos olhos que não se encantam com a falácia da visibilidade. A sublimação da energia sexual é o segredo de todos os impérios. Travamos sangrentas batalhas contra os tenebrosos porque acreditamos no amor como uma ventania que espanta o medo. Somos o Abismo e as tentações, pertencemos à Maria Navalha. Pois então a Espiritualidade Travesti nos leva embora para a cidade do Além, para o infinito. Enquanto estivermos vivas, nos mataremos por amor. E quando mortas, por amor mataremos.

-

²Uma noite sem lua - Mestre Toni Vargas. disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=A3YhLQrQNIM>

19_

Eu não sou Umbandista, sou macumbeira e prático o Sagrado Feminino de Merda.

20_

Quero escrever e já estou escrevendo com meu terceiro peito ardendo. Vou chamar essa área de terceiro peito, mesmo que também seja uma ferida que fica em carne viva quando estou estressada e tentando guardar esse stress só para mim. Minha vó Julite sempre fala sobre os perigos cancerígenos que é guardar estresse. Já a disse que o stress causado pela ansiedade que é viver no tempo racial e dos gêneros me causou gastrite.

Por falar em minha avó, parei pra pensar sobre mim e minhas amigas artistas que tanto valorizam essas anciãs. Passamos os últimos anos afirmando a importância de suas velhas palavras para conseguirmos construir nossos novos tempos. O novo tempo agora chegou. E sinceramente, se eu fosse avó eu estaria cansada de ajudar minhas netas.

A dor do meu peito é de um corpo que está em transmutação. Estou transmutando e aprendendo a lidar com o sentimento de raiva, não querendo transformar raiva em rancor... mas preciso acessar a raiva! Mas é tão difícil acessar a raiva longe da Fonte Grande, porque tenho medo de explodir e não ter como catar os cacos de vidro. E também já nem sou um vidro transparente... já quis ser e já me fizeram querer ter essa transparência de ser visível por todas. Mas agora não quero mais.

Entendi que sou escura, contraditória e mentirosa. Sou esse vidro que quando peca, deseja que... não sei... o corpo que for cortado por mim esteja preparado para iniciar a ressurreição. Porque é o que estou fazendo quando estilhaço-me. A decomposição total do vidro na natureza pode durar até 1 milhão de anos,

21 / 3 = 7 ou 21 / 7 = 3, logo 3 + 3 = 6 ou 8 = ∞. Porém infinito pra mim não são as possibilidades de transitar entre a polaridade binária. O infinito é a encruzilhada.

Ou: sou a mensageira que anuncia a Transmutação Travesti. Eu anuncio a Transmutação que nomeamos de travesti.

Esse texto foi primeiramente publicado como participação da artista na plataforma EhChO em julho de 2020.

Castiel Vitorino Brasileiro (1996). Artista, escritora e psicóloga, mestra em psicologia clínica pela PUC-SP.

Vive a Transmutação como um design inevitável. Dribla, incorpora e mergulha em sua ontologia Bantu. Assumi a cura como um momento precíval de liberdade. Estuda e constrói espiritualidade e ancestralidade interespecífica.

Nasceu em Fonte Grande. Vitória/Espírito Santo - Brasil.

Vive e trabalha no planeta Terra.

design e diagramação

Diego Crux. Quase-artista nascido e criado na borda, em Parada de Taipas, hoje vive no centro. Trampa com artes entre outres por diversos lugares. Neto de Rosa e Esmeraldo, é da cor que lembra a memória. Pesquisa convocações íntimas e pessoais, vivências coletivas, representação, identidade e os limites, incógnitas e contradições nesses cruzos. Imagina e constrói. Questiona e revisa. Usa variados meios em meus processos, como apropriação, fotografia, vídeo, design, *samples* visuais, palavra. Participou de exposições em São Paulo, Curitiba, Copenhagen (DK) e Acra (GH) e das residências do Pivô (2020) e do MAM Rio (2021).